

Millenium educação, ciência e tecnologia

A ABERTURA AO “OUTRO”: A LÍNGUA E A CULTURA FRANCESAS

UMA EXPERIÊNCIA “D’ÉVEIL”, DE SENSIBILIZAÇÃO E DESCOBERTA

ÁREA CIENTÍFICA DE FRANCÊS*

Vivemos, quer queiramos quer não, na era da globalização. Viver hoje é ser capaz de integrar, competindo, a sociedade à escala mundial. Tendemos a ser cada vez mais “cidadão do mundo”, não obstante o lutarmos ainda (por vontade, gosto ou necessidade) por ser “cidadão europeu” sem todavia deixarmos de ser “cidadão português”. Viver no conjunto de nações tão diversas como as que compõem a Europa enquanto “família” é um desafio, implica a aceitação mútua de povos com uma história diferente mas com um futuro comum.

«L’Europe va enfin, sans effusion de sang, devenir une grande famille, (...) véritable mutation, (...) continent des valeurs humanistes ... de la liberté, de la solidarité, de la diversité surtout, ce qui implique le respect de la langue, des traditions et de la culture d’autrui.»

Declaração de Laeken

A abertura ao “Outro”: eis a chave que abre as portas das sociedades que hoje são linguisticamente e culturalmente plurais quer devido a uma identidade fortemente enraizada no espaço e no tempo, quer devido aos fluxos migratórios, quer por efeito da mundialização, quer ainda por causa dos mecanismos da integração europeia. De facto, a abertura ao “Outro”, em sentido restrito e em sentido lato, parece ser – mais do que o reforço da ideia (que pode ser interpretada à luz da moral ou da política) de que é necessário ser tolerante e aceitar as diferenças – uma condição *sine qua non* para que qualquer cidadão possa hoje ter o seu lugar na sociedade. Uma sociedade que se

* da Escola Superior de Educação do Instituto Superior Politécnico de Viseu.

afigura cada vez mais forte e rica pela diversidade que a anima. Não basta preconizar a tolerância, a luta contra o racismo e a xenofobia ou ainda encontros pontuais de culturas (e consequentemente de línguas) para que se possam apagar ou aproveitar as diferenças de cada um e que se possa fazer fé de abertura ao “Outro”. No âmbito da educação e do ensino, nomeadamente do ensino da língua e da cultura francesas, se muito se fez nesta área, a verdade é que muito resta ainda por fazer. Cada vez menos nos deveremos orientar para o ensino e/ou a sensibilização de uma língua particular, evitando assim vários perigos (evidenciar a superioridade – na verdade inexistente – de uma língua e de uma cultura relativamente a outras; favorecer o etnocentrismo; promover estereótipos e preconceitos; etc.).

O caminho para o qual se aponta hoje é um caminho vastíssimo, que alarga horizontes, que desenvolve representações e atitudes positivas de abertura à diversidade linguística e cultural e de motivação para a aprendizagem das línguas, que desenvolve aptidões de ordem metalinguística, metacomunicativa e cognitiva (capacidades de observação e de raciocínio). Este caminho é o do “*éveil aux langues*”¹ que poderemos considerar como uma dimensão particular da abordagem intercultural.

Há “*éveil aux langues*” (cf. Evlang) quando uma parte das actividades duma aula incide sobre línguas que a escola não ambiciona ensinar. Trata-se pois de um trabalho global, comparativo, que aborda as línguas em geral. Todas as línguas são legítimas e todas são consideradas em pé de igualdade sem desprimor para nenhuma, sejam elas ditas minoritárias, regionais, de imigração, dialectos, etc. O objectivo é dar a conhecer línguas e culturas de forma harmoniosa, integrando as outras disciplinas escolares e utilizando uma metodologia heurística. Falamos de uma pedagogia da descoberta que provoca e alimenta o desejo de conhecer (as outras línguas, as outras culturas e os outros) e de se conhecer (conhecendo os outros aprendemos a conhecer-nos a nós próprios).

Preconizar o “*éveil aux langues*” é preconizar uma abordagem plural (tais como o são a didáctica das línguas integradas ou a intercompreensão entre as línguas parentes) das línguas e das culturas no sentido de se abrir aos outros. A língua é um meio de expressão duma cultura e simultaneamente um meio de acesso privilegiado a essa mesma cultura. O “*éveil aux langues*” desenvolve competências que permitem a aquisição da competência de comunicação aplicável em qualquer língua. Com efeito, o “*éveil aux langues*” desenvolve o interesse e a curiosidade pelas línguas e pelas culturas, aumenta a autoconfiança do discente, desenvolve ainda as capacidades de observação, de análise e de comparação das línguas, etc. Podemos dizer que se trata de uma

¹ Expressão francesa que deliberadamente não traduziremos, para já, receando a subversão do conceito representado pelo termo “*éveil*”.0.

educação linguística global válida para todas as línguas e não limitada a uma língua em particular. Está, pois, subjacente a noção de pluralismo no facto de línguas abrirem portas para outras línguas, de alargar os horizontes educativos, de se educar para o plurilinguismo. Inúmeros conhecimentos, saber-fazer e atitudes, geralmente associados a outras áreas disciplinares, são abordados através do “*éveil aux langues*” (geografia, história, artes plásticas, matemática, meio natural, cidadania, ...). O “*éveil aux langues*” permite também a aquisição dum pensamento divergente (isto é, a capacidade de adoptar a perspectiva do outro) e de viver a diversidade numa atmosfera de harmonia e solidariedade e não de tensões e fracturas.

Se para conseguir implementar este “*éveil aux langues*”, que surge aqui como uma solução alternativa ou complementar à situação presentemente vivida, são necessários esforços financeiros, estes não devem ocultar o papel preponderante que cabe à escola de promover o interesse pela diversidade das línguas abrindo o leque das propostas. A opinião de que é necessário incluir uma língua estrangeira no 1º Ciclo do ensino básico expresso em documentos oficiais há já algum tempo não deixa de demonstrar uma visão redutora da questão do ensino das línguas hoje em dia, pois não é mais do que a expressão de uma mentalidade monolíngue. A visão deve ser uma visão mais abrangente. O “*Cadre européen commun de référence pour les langues - Conseil de l’Europe*”, fala na competência para comunicar linguisticamente e para intervir culturalmente de um agente social que possui, em graus diversos, o domínio de várias línguas e a experiência de várias culturas. Trata-se pois de adquirir competências plurilingues e pluriculturais.

É nosso dever oferecer oportunidades a todos de sucesso e de inclusão, quer na escola quer na chamada vida activa. Sabemos o quão importante se torna o conhecimento de línguas no decurso dos estudos, numa actividade profissional, no âmbito do turismo², no mundo económico em geral, nas relações sociais (internacionais ou não), nas trocas culturais, enfim, nas mais variadas áreas que compõem a nossa vida. Dispor das competências linguísticas e interculturais necessárias para que qualquer cidadão se torne um actor eficaz no mercado mundial é fundamental.

Para tal, encaremos o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras como um processo que deverá começar o mais cedo possível e ser levado a cabo ao longo da vida do indivíduo. O Conselho Europeu de Barcelona (2002) pediu para prosseguir as acções já iniciadas neste campo e para melhorar os processos de aquisição e de domínio das competências de base, nomeadamente através do ensino de pelo menos duas línguas estrangeiras desde a mais tenra idade.

² Quando viajamos ou quando nos expatriamos temos necessidade de não nos sentirmos estrangeiros ou estranhos, queremos compreender o que vemos e o que nos rodeia, queremos apreciar as realidades do país como as sentem os seus habitantes. Ora, para tal precisamos de comunicar na língua utilizada por todos. Os nossos interlocutores reconhecerão então em nós um amigo que tenta aproximar-se e não um turista estranho que se limita a observar.

A descoberta duma língua estrangeira, nomeadamente do Francês, realizada através duma sensibilização ou do ensino dito ‘precoce’, é já uma realidade em Portugal, embora ainda com uma dimensão reduzida. O universo contemplado por esta iniciativa é demasiado pequeno para que a interrogação ‘Porquê?’ não seja feita com toda a pertinência. Será que a resposta das entidades responsáveis por esta matéria pode, também ela, adjectivar-se de ‘pertinente’? A dúvida subsiste. Esperando-a, mostraremos de que forma até agora o ensino/aprendizagem ‘precoce’ do Francês tem vindo a ser desenvolvido, evidenciando conceitos, metodologias, vantagens para o desenvolvimento do indivíduo e condições necessárias para o sucesso de tal empreendimento.

Ensino e aprendizagem “precoces” da língua estrangeira: o Francês (F.L.E.)

Em primeiro lugar, impõe-se uma pequena explicação para as aspas que condicionam este título. A utilização entre aspas do adjectivo ‘precoces’ justifica-se porque se considera ser relativo àquilo que foi institucionalizado, quer na educação de infância quer no 1º Ciclo do Ensino Básico, e não porque o seja em absoluto. Fala-se pois de precocidade, não relativamente ao que acontece na realidade, mas sim relativamente ao que foi estipulado ser o momento inicial adequado para a aprendizagem formal.

Em segundo lugar, propomos abordar a aquisição e o desenvolvimento da linguagem até ao fim do 1º C.E.B., seguidamente a aquisição de uma segunda língua: o Francês, destacando-se pela importância de que se revestem, a competência de compreensão oral bem como a dimensão cultural sem a qual nenhuma língua pode existir.

Assim, lembrando várias perspectivas (behaviorista, de Chomsky, de Piaget,...) daquilo que se considera ser a linguagem – um utensílio de comunicação e expressão, que permite o acesso ao mundo da sociedade e da cultura; algo que se aprende através de processos interactivos comunicativos (sobretudo entre criança e adulto); a base para a criança se desenvolver a todos os níveis, daí que as perturbações linguísticas se reflectam na comunicação, na interacção social e nas aprendizagens, podendo originar problemas afectivos entre outros; etc. – apresentamos, muito resumidamente e de forma simplificada, as várias etapas da aquisição da linguagem no desenvolvimento humano.

Sabe-se que os bebés adquirem linguagem porque estão programados para isso, em situações de imersão linguística, pois o sistema processa a informação de forma implícita: a informação que está a entrar é comparada com a que está armazenada na memória, o treino articulatorio para cada som da linguagem decorre de forma

inconsciente como se de um mero procedimento motor se tratasse. A criança descobre as regras do código da língua com a qual está em contacto, extrai regularidades e produz generalizações. Desta forma se percebe que pensamento e linguagem estejam intimamente ligados. A cognição encontra na linguagem um meio privilegiado de expressão e por sua vez a expressão linguística sai altamente dignificada pela utilização de mecanismos cognitivos bem desenvolvidos.

Por este motivo e porque a criança, em idade pré-escolar e do 1º ciclo, beneficia de maleabilidade cerebral e de plasticidade do aparelho fonador se pode dizer que estes são factores a favor do processo de ensino/aprendizagem “precoce” do Francês.

Resumidamente poderemos apresentar as fases de aquisição da linguagem da seguinte forma:

Por volta dos 4 ou 6 meses, a criança adquire o repertório vocálico da sua língua, adquirindo o repertório consonântico apenas por volta dos 12 meses. A faixa etária compreendida entre os 2 e os 4 anos parece ser o período fértil da aquisição da linguagem. Com efeito, nessa altura, a criança adquire a sintaxe pela análise da regularidade das estruturas que ouve (e não por imitação, regras explícitas ou repetição). As generalizações erradas são frequentes.

Cerca dos 3 anos a criança faz generalizações, formula perguntas, presta atenção (às histórias), utiliza verbos no Indicativo e o pronome pessoal “eu”, fala com dislalia, sendo o seu repertório vocabular composto por cerca de 300 palavras. Entre os 3 e os 4 anos, a criança produz frases telegráficas de 3 ou 4 palavras, nomeia coisas conhecidas, usa o plural, utiliza o tempo passado, emprega alguns pronomes pessoais, e dispõe de 900 a 1200 palavras. Entre os 4 e os 5 anos, a criança faz frases com 4 a 5 palavras, usa preposições, utiliza mais verbos (formas passivas, inversões verbais,...) e conhece cerca de 1500 a 2000 palavras. Nesta altura as funções mais finas da linguagem são adquiridas, a criança aprende a dizer as coisas de modo mais apropriado ao contexto e a pronúncia é mais refinada. Entre os 4 e os 6 anos: a fala é uma troca, uma forma de comunicação, há um enriquecimento do vocabulário, as palavras novas são conhecidas, percebidas, utilizadas (adequadamente ou não) até serem integradas no universo vocabular da criança que fala então sem dislalia. Entre os 5 e os 6 anos, as frases são de 6 a 8 palavras, a criança é capaz de definir palavras simples, de distinguir sinónimos de antónimos, de usar mais preposições, conjunções e artigos (fala bastante gramatical), e 2000 a 2500 palavras. Entre os 6 e os 7 anos, a fala é bastante sofisticada, as frases são compostas, complexas e gramaticalmente correctas, podendo o repertório vocabular andar pelas 3000 a 4000 palavras. Em idade escolar, a partir dos 6/7 anos: a maior parte da gramática da língua materna já é dominada, e só depois do domínio desta a nível escrito poderá ser introduzido o F.L.E. a nível escrito.

Ora, nos contextos pré-escolar e escolar (1º C.E.B.), tendo em conta o que acima fica dito e de acordo com o que os textos legais e institucionais nos indicam relativamente à sensibilização para uma língua estrangeira, neste caso o Francês, no infantilário ou na escola pressupõe-se que seja dada a primazia à oralidade, que seja feita uma abordagem empírica, imitativa (sem tomar consciência das leis sociolinguísticas que regem a língua; com uma organização intuitiva e sem conceptualização do material linguístico por parte da criança) e que a abordagem lúdica da questão seja uma realidade. Pois, brincar com as línguas é um meio para as aprender ou pelo menos para se familiarizar com elas e com tudo o que elas transportam (cultura, valores,...).

O desenvolvimento da competência de compreensão oral (enquanto competência de comunicação) constitui uma condição prévia à produção oral e começa por treinar a audição/escuta, sensibilizar para a melodia e o ritmo da língua, proporcionar a imersão mesmo antes da compreensão... Tais *démarches* implicam trabalhar a mensagem sonora, aos níveis do ritmo, da entoação e da duração, por exemplo. Vejamos cada um desses níveis. O ritmo deverá ser progressivo, as pausas longas e frequentes, implicando tarefas fáceis de executar. A entoação, que permite por vezes compreender o sentido global de uma mensagem sem que se entenda a sua significação exacta, deverá ser trabalhada através da melodia, da expressividade ligada à mímica, às expressões faciais, à pronúncia. A duração pressupõe que quanto maior a duração da mensagem, menor é a capacidade de compreensão. O trabalho da competência de compreensão oral é facilitado pelo recurso à repetição, à imagem (desenho, fantoches, filme...), à abordagem global da compreensão (devendo a criança aceitar não perceber logo tudo o que ela ouve), a esquemas estruturais diversificados (lengalengas, contos, adivinhas, poemas, canções...). Assim, diversos níveis do sistema cognitivo são estimulados simultaneamente. As capacidades mentais e os “saber-fazer” comunicativos são mobilizados.

O desenvolvimento da competência de compreensão oral passa por três níveis diferentes: o da audição discriminativa (sons e entoação); o da memória (a curto e longo prazo) e o da capacidade de inferência; da paráfrase, da síntese e da interpretação. Vejamos algumas estratégias utilizadas para trabalhar estes vários níveis:

Para a discriminação auditiva: levantar a mão quando se ouve uma palavra pedida ou conhecida, repetir, imitar a entoação, pronunciar oposições fonológicas (bon/beau; pont/peau; son/seau; don/dos); identificar a(s) diferença(s) entre vários enunciados (Anne a un chat blanc; Anne a un chien blanc); apreender certos aspectos fonéticos, por exemplo através de lengalengas;

Para a memória a curto prazo – antecipação: completar uma palavra ou uma “frase-cliché” (ma-man, pou-pée, bon-jour), – memória a curto prazo: ordenar palavras desordenadas, discriminar palavras relativas a um tema numa lista heterogénea, executar

um pedido ou uma ordem; – a memória a longo prazo: a mímica, a adivinha, o desenho, o (re)corte, a associação de imagens, a selecção e classificação segundo critérios pré-definidos;

Para a capacidade de – inferência: completar frases; dar réplicas adequadas; dar o início, o meio ou o fim de uma história;

Para as capacidades de – paráfrase, síntese e interpretação: responder às perguntas; dar um título (história, conto...); desenhar uma personagem de acordo com o que se ouviu; a partir da observação de imagens ou da audição de um texto, descrever uma personagem para que outro adivinhe. Actividades de escuta prévia devem ser propostas pelo educador, por exemplo: breve resumo da história, aguçar a curiosidade, mobilizar, dar palavras-chave previamente, conversar previamente sobre o tema.

Sejam quais forem as actividades e as estratégias propostas, estas deverão respeitar regras básicas, passando do concreto para o abstracto, do simples para o complexo, do aqui/agora para o além/depois. As aprendizagens deverão ser activas, diversificadas, significativas, integradas e socializadoras. A avaliação (se de avaliação se pode verdadeiramente falar) deve ser: formativa, positiva, reforçando assim a motivação.

As novas tecnologias (o material multimédia; CD-ROM, DVD-ROM, CD,...; sites Internet interactivos ou não) desempenham hoje um papel pedagógico-didáctico inegável e as línguas estrangeiras não poderiam prescindir de tal instrumento, quer em meio institucional, quer fora deste mas com a devida orientação pedagógica.

Várias dimensões em causa, quer na prática pedagógica do educador que ensina Francês, quer nas relações que este estabelece com as crianças, já aqui foram focadas (em maior ou menor grau): lúdica, afectiva, sensorial, psicomotora, cognitiva, linguística, cultural. Esta última parece-nos essencial e merece que nos detenhamos um pouco sobre ela.

Martine Abdallah-Pretceille intitulou um dos seus artigos sobre a matéria: “apprendre une langue, apprendre une culture, apprendre l’altérité”, querendo dizer com esta fórmula elucidativa que as três aprendizagens referidas são concomitantes, ou melhor dizendo, interdependentes. Hoje, mais do que nunca, esta fórmula faz sentido. Ouve-se falar de plurilinguismo, de pluriculturalismo, de intercultural,... Conceitos que pressupõem identificação cultural, abertura a culturas e mentalidades diferentes, cidadania europeia, tolerância, etc. O intercultural é uma ponte entre as línguas, é uma ponte entre o “Outro” e o “Eu” em formação. O domínio de várias línguas é o ponto de passagem necessário para o reconhecimento dos outros. Encontrando o “Outro”, a criança percebe que há diferentes formas de ser e estar no mundo, reconhece a inexistência de hierarquia entre as culturas, faz transferências noutra perspectiva, desperta para a abertura à diferença. Encontrando o “Outro”, a criança define-se pela(s)

diferença(s), “descentra-se”, “reconhece-se” enquanto indivíduo, tem um discurso de identidade. Todavia, existem obstáculos tais como o egocentrismo, o sociocentrismo, o etnocentrismo, etc., que se manifestam por exemplo nos estereótipos que facilmente se encontram nos médias, nos manuais escolares, na escola, nos pares..., e que nos revelam mais acerca das pessoas que procedem a estas categorizações do que acerca daqueles que são categorizados.

Vejam agora um exemplo prático de aplicação do ensino da língua e da cultura francesas através das variações que se podem estabelecer à volta de um tema tradicional e emblemático da cultura francesa: Guignol.

Variações à volta de um tema em F.L.E.: “Guignol, le gone de Lyon”

Este tema constituiu grande parte das actividades³ desenvolvidas pela Área Científica de Francês durante a Semana Cultural da E.S.E.V. de 2005 e será partindo desta experiência “d’éveil”, de sensibilização e de descoberta, que tentaremos demonstrar que uma única temática pode, através de diversas abordagens, ser fonte de conhecimentos culturais e linguísticos (entre outros) e um meio privilegiado para sensibilizar os mais pequenos e ensinar os adultos.

Com efeito, a experiência que relatamos, endereçada a alunos da educação pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico, bem como a alunos dos outros níveis de ensino (inclusive superior) e à comunidade em geral, protagonizada por estes (já que as actividades eram interactivas) e por alunos da E.S.E.V.⁴, foi bastante participada e foi do interesse de todos pois nela reconheceram a riqueza intrínseca à diversidade das actividades propostas.

De acordo com os graus de conhecimento do público, os objectivos prosseguidos traduziram-se em várias actividades, adaptáveis em grau de dificuldade e

³ Entre outras actividades de sensibilização e “ateliers” com temas diversificados.

⁴ Eram pois objectivos para os alunos da ESEV: aperfeiçoar os vários saber-fazer trabalhados na sala de aula nas várias disciplinas do curso e nas escolas de acolhimento da Prática Pedagógica; desenvolver uma outra forma de contacto e de motivação no processo de ensino/aprendizagem do F.L.E.; explorar as várias maneiras de fazer perceber a informação essencial, recorrendo às estratégias do gestual, de repetição, de variação de estilos de fala...; rentabilizar as competências comunicativas na oralidade e na escrita; pôr em prática os vários saber-fazer adquiridos nos domínios de especialização (nomeadamente assegurando a cobertura mediática do evento); usar os vários aspectos comunicativos na língua francesa em fins específicos; participar na divulgação da interdisciplinaridade e de interculturalidade. Para a Comunidade Exterior, pretendeu-se a nível da língua francesa: explorar o léxico peculiar do teatro de “Guignol”; usar expressões específicas ao tema escolhido; aperfeiçoar as bases de comunicação francesa já adquiridas; responder espontaneamente às solicitações feitas durante o espectáculo e as actividades aferentes; interagir com os colegas, o público, os outros animadores...; e a nível da cultura francesa: explorar a civilização francesa; identificar os aspectos específicos da cultura francesa apresentados; situar, no tempo e no espaço, a história contada e representada; identificar os aspectos específicos da cultura francesa apresentados; analisar a evolução no tempo destes mesmos aspectos; desenvolver reflexos de interculturalidade e de intercompreensão; divulgar a cultura francesa através de aspectos mais relacionados com os objectivos dos cursos.

em duração ao nível de competências comunicativas em F.L.E. Assim foram apresentados, em torno de “Guignol, le gone de Lyon”, quatro exposições sobre a mascote, a lenda do “gone”, a sequência e os objetivos das actividades subsequentes, “Lyon, hier et aujourd’hui”, ou seja vários aspectos de Lyon, capital da região Rhône-Alpes (aspectos culturais e linguísticos, o “parler lyonnais”, as lendas, o trabalho da seda, a gastronomia, os médias, etc.); uma representação teatral de fantoches original «Les aventures de Guignol sur la lune»; uma sessão de projecção de um extracto do verdadeiro teatro de Guignol (DVD); a canção “C’est Guignol” de Chantal Goya, etc.

Para além de todos os exercícios de teor linguístico, e sobretudo os de aquisição vocabular e fonética, alguns aspectos culturais mereceram um tratamento adaptado ao público, dando a conhecer Guignol, esse “gone de Lyon”.

No princípio do século XIX, Laurent Mourguet, um “canut” (trabalhador na fábrica dos tecidos de seda em Lyon, Rhône-Alpes, França) reconvertido em “arranca-dentes”, cioso de atrair e distrair a sua clientela medrosa, criou Guignol, a personagem principal do seu teatro de fantoches.

Guignol é o “gone” de Lyon. São “gones” as gentes e habitantes de Lyon mas sobretudo os rapazes dos antigos bairros da cidade.

Símbolo do humor da cidade de Lyon, Guignol, originariamente uma marioneta com uma cabeça feita de madeira de tília e um corpo por trapos constituído, é um pequeno artesão “canut” de condição social modesta, casado com uma mulher de carácter horrível, Madelon. Tem como melhor amigo Gnafron, um bêbedo incorrigível, grande apreciador de Beaujolais. Guignol luta contra a miséria e a injustiça com o seu famoso bastão em mãos e o seu grupo tem imensos problemas com a polícia. Popular e irónico, Guignol é a imagem do habitante de Lyon, púdico e laborioso, místico e trabalhador. Teve um grande sucesso popular a partir dos anos 30.

Talvez não estejam alheias a este êxito as várias e importantes revoluções protagonizadas pelos “canuts”, esses operários especializados na produção manual de estofos de seda. Com efeito, os que orgulhosamente se designavam como “canuts” (palavra cuja origem etimológica permanece não consensual) celebrizaram-se e ficaram lendários (canções, poemas, pratos de culinária como as “cervelles de canuts”, nomes de rádio, de estabelecimentos comerciais,...). Estabeleceram uma nova ordem social, exercendo formas de mutualismo, apoiando as ideias republicanas, aliando-se aos trabalhadores estrangeiros (designadamente ingleses), fundando uma das primeiras imprensas operárias. Em 1831, os “canuts” – esta nova consciência de classe precursora do espírito corporativista dos sindicatos – chegaram mesmo a exercer um poder paralelo ao governo durante quinze dias, devendo renunciar após uma dura batalha, que em apenas dois dias causara mais de 150 mortos e 500 feridos.

Nessa altura, os “canuts” e as “canuses” (suas mulheres) fizeram transitar mensagens secretas e alguns tráficos através das famosas “traboules”, essas vias reservadas aos peões, muitas vezes estreitas que começam por um corredor de entrada e que atravessam um ou vários prédios para ligar uma rua a outra. Embora a palavra “traboule” seja especificamente de Lyon, a realidade que ela representa (passagem secreta ou túnel que atravessa um conjunto de casas) existe noutras cidades francesas e da Europa. Desde sempre a clandestinidade lhe esteve associada, quer durante a Segunda Guerra Mundial com o movimento da resistência (“la Résistance”) da qual Lyon era a capital, como bem antes, por exemplo no século XVI, com as lutas religiosas entre católicos e protestantes (le “Jansénisme”).

A religião foi também relevante na cidade que viu nascer Guignol. Só na Idade Média, dois concílios tiveram lugar em Lyon. No Renascimento, a cidade das seis colinas, da qual se podem ver os Alpes e o Mont-Blanc, acolheu e viu desenvolverem-se feiras de grande importância económica, actividades ligadas à seda e à faiança, a imprensa que contribuiu para a divulgação de autores clássicos e para a constituição de importantes círculos de letrados e humanistas (com grande influência italiana). A região desenvolveu-se e fez desenvolver economicamente e culturalmente a França. Os “Lyonnais” (os habitantes de Lyon) sempre foram trabalhadores, lembremo-nos dos “canuts” que viviam na Croix Rousse (chamada “à colina que trabalha”) onde surgiu uma nova mecânica, o famoso “métier Jacquard”. Esta nova maneira de trabalhar o tecido fez duplicar a quantidade de maquinaria de tecelagem, aumentando assim os benefícios económicos da região e dando a conhecer, até no estrangeiro, uma invenção francesa cujo nome ainda hoje é utilizado tal e qual nos países que a adoptaram. Em França, trabalhar “à la Jacquard”, isto é, à moda ou à maneira Jacquard, significa trabalhar de modo expedito, rápido. De Jacquard também nasceu o termo “jacquardier” que passou a designar qualquer operário de seda. O trabalho da seda de Lyon deu ainda termos típicos como os de “soyeux” (aqueles que davam as ordens, arquétipo da burguesia de Lyon, ainda no início do século XX) ou “la meurte” (estação ‘morta’ em que os “canuts” tinham falta de trabalho). Os “canuts” estão sempre presentes como se vê. O seu papel cultural, económico, social e histórico é indissociável de Lyon. Eles tomaram o poder em 1831, revoltaram-se defendendo os seus direitos laborais em vários momentos que fizeram história, como em Abril de 1834 numa semana que ficou na memória colectiva como a semana sangrenta “la semaine sanglante”, ou ainda como em 1848 com “la révolte des Voraces”.

A seda, razão de ser dos “canuts”, foi criando necessidades diversas (sobretudo com a sua exportação para os Estados Unidos da América) desde conhecimentos a produtos, passando por laboratórios, de química (tinturaria, fibras sintéticas), de mecânica (material eléctrico, indústria automóvel), etc. A investigação, a invenção, a

emergência de sectores de actividade obrigaram e obrigam (ainda hoje com destaque internacional) Lyon a apostar na ‘massa cinzenta’, nas escolas, nas universidades, nos centros de investigação, nos laboratórios, nas empresas,...

Também fizeram história nesta cidade os irmãos Lumière que inventaram o cinema e Plachon e Maréchal que reinventaram o teatro. São inúmeros os factos, os acontecimentos, os povos e as personalidades que contribuíram para edificar os monumentos que hoje fazem de Lyon uma cidade histórica Património da Humanidade.

Património da Humanidade e património linguístico da França, Lyon conserva um sotaque, o “accent lyonnais”, mas sobretudo, embora em menor evidência, uma realização local do dialecto franco-provençal, o “parler lyonnais” com regionalismos gramaticais. Hoje em vias de extinção (já que só um terço das mil palavras existentes são utilizadas), o “parler lyonnais” conhece todavia a recrudescência de uma vontade expressa de conhecer e/ou não deixar morrer esta língua que, na senda de Guignol embora a um outro nível, Frédéric Dard tão bem soube divulgar. Prova desse novo entusiasmo são as aulas cada vez mais numerosas, a procura da obra de referência nesta matéria (“Le Littré de la Grand’ Côte”), um curso na Universidade de Lyon 2, e claro, a subsistência deste falar nas peças mais tradicionalistas de Guignol, na imprensa local mais fiel às origens e sobretudo nas conversas do dia a dia dos Lyonnais.

Se hoje a segunda cidade francesa o é pela sua indústria (farmacêutica, química, ou da saúde, do têxtil, do automóvel, das tecnologias do futuro nas áreas da biologia e da informação) também o é pela qualidade de vida que oferece (abundância de água graças ao Rhône e à Saône; parques e jardins, montanha a duas horas de auto-estrada e mar a uma hora e meia de T.G.V.; capital da dança; rica em médias, nomeadamente rádios e imprensa (sede da Euronews); capital mundial da gastronomia francesa em que a visita aos pequenos restaurantes tradicionais, os famosos “bouchons”, se impõe, bem como se impõe a prova dos vinhos da Côte du Rhône e do Beaujolais; as festividades como a “Fête des Lumières”, tradicionalmente uma homenagem à Virgem, hoje um espectáculo que durante quatro noites de Dezembro transfigura a cidade e atrai inúmeros curiosos oriundos dos mais variados locais; etc.).

Dos mais variados lugares vêm pois aqueles – nós – que procuram conhecer a cultura do povo francês, europeu portanto, nosso também! A rota da seda e as auto-estradas da informação cruzam-se em Lyon. Esse cruzamento onde passado, presente e futuro se encontram é também o lugar simbólico onde as culturas daqueles que chegam e olham e daqueles que vivem e acolhem são partilhadas numa perspectiva de interculturalidade. Aqui diversidade cultural e diversidade linguística são sinónimas de riqueza, uma riqueza que a todos compete fazer frutificar.

Conclusão

A diversidade que caracteriza, hoje mais do que nunca, o mundo em que vivemos obriga-nos a implementar estratégias de adaptação a esta nova realidade que não cessa de se acentuar. A abertura ao “Outro” é indispensável para que todos os passos dados sejam coroados de sucesso a curto, médio e longo prazo.

O ensino da língua e da cultura francesas são um meio privilegiado para concretizar essa tão desejada abertura ao “Outro”. Sempre o foi, mas agora é-o num ângulo muito mais alargado e de forma muito mais profunda. Para isto contribui o “*éveil aux langues*” que nos leva a repensar a sensibilização para as línguas estrangeiras na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico, em Portugal. É necessário abrir completamente o leque das línguas já propostas nestes níveis de ensino e abordá-las numa perspectiva plurilingue e pluricultural. É preciso dar-lhes espaço para se darem a conhecer, respeitando algumas condições: falamos pois de recursos legais, institucionais, científicos, didáticos, pedagógicos, humanos, materiais e financeiros.

Para que o ensino “precoce” da língua e da cultura francesas seja eficaz e eficiente, é urgente haver formação específica em educação plurilingue e pluricultural dos protagonistas do ensino. Os professores devem ser especialmente formados para ensinar línguas a crianças muito jovens, conjugando as especificidades das metodologias recomendadas na educação pré-escolar e no 1º Ciclo com as que devem ser utilizadas no ensino da língua estrangeira. As turmas devem ser suficientemente reduzidas. Deve ser disponibilizado material pedagógico adequado. Uma parte do programa (no caso do 1º C.E.B.) e/ou da carga horária (no caso da educação pré-escolar) dedicados às línguas estrangeiras devem ser suficientes, etc.

Os educadores, em sentido restrito e em sentido lato (educadores, professores, pais, família, e outros que pela sua presença e/ou acção contribuem para a educação dos mais pequenos) devem estar sensibilizados para a importância da aprendizagem do F.L.E. no desenvolvimento global da criança. Aproveitando as vantagens naturais das crianças anteriormente referidas, é possível favorecer a flexibilidade mental e o raciocínio, desenvolver capacidades metacognitivas, reforçar a língua materna e outras áreas do saber (nomeadamente através de estratégias em que a interdisciplinaridade é contemplada), transferir para outras aprendizagens (de outras línguas ou de outras áreas disciplinares) o processo de aprendizagem da língua., estimular a imaginação, etc. A sensibilização que precede o ensino/aprendizagem desenvolve, de facto, competências fundamentais: socialização; confiança (auto-); auto-estima; gosto pelo desafio e pelo risco; descoberta do mundo adulto (e da criança); consciência da coerência de outro sistema linguístico; abertura ao “Outro”, ao “estrangeiro”, etc.

Os educadores devem saber integrar e valorizar as diferenças; oferecer um espaço cultural significativo e significativo; promover o sucesso escolar criando condições de igualdade de oportunidades na aula de Francês; estabelecer uma relação afectiva dando espaço e tempo para que a criança expresse as suas vivências, as suas experiências, as quais, por sua vez, trarão novos interesses e oportunidades para que ela participe em novas iniciativas, quer no âmbito das línguas quer não. Se a família, os pais, mais precisamente, devem participar activamente na vida escolar dos filhos, importa sobretudo, na perspectiva do professor de língua, que o desejo das crianças se expressarem seja estimulado, contando-lhes ou lendo-lhes histórias, brincando e jogando com elas (em casa, na ludoteca, no parque,...) em Português e/ou em Francês. Nunca será demais insistir na importância de que se reveste a aprendizagem de línguas numa idade dita “precoce” para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. O contacto com outras línguas e outras culturas oferece à criança a possibilidade de interpretar o mundo e o seu mundo de forma privilegiada, detectando nas características particulares de cada realidade traços de universalidade, aproximando o que parece díspar, encarando a diferença como uma característica normal de qualquer um e como a riqueza de todos. A intercompreensão acaba então por se revelar aos mais variados níveis (pessoais, sociais, nacionais, internacionais). A criança é formada para comunicar (com o “Outro”), compreender (o “Outro) e ser responsável (para com o “Outro). As crianças tomam consciência dos seus próprios valores e dos valores dos outros, aprendem a apreciar a(s) sua(s) cultura(s) e a(s) dos outros, manifestam interesse pelos outros, abrindo-se.

Aprender uma língua é aprender a comunicar, comunicar é socializar-se, socializar-se é viver com e para os outros, é ser cidadão, português, europeu e do mundo. A língua é um factor de formação, de integração, que urge valorizar e ensinar desde a mais tenra idade. Por isso, por tudo o que acima fica dito e porque se a aprendizagem “precoce” do F.L.E. é, inegavelmente, um factor de desenvolvimento para a criança, enriquecendo-a, permitindo-lhe abrir-se à diferença e proporcionando-lhe o alargamento dos seus horizontes, e porque o ensino dito “precoce” do F.L.E. é para o educador uma oportunidade de inovação pedagógica, um desafio que sempre se concretiza numa experiência gratificante, então vale a pena apostar no ensino (ou na sensibilização) da língua estrangeira, do Francês em particular, desde o jardim de infância e 1º C.E.B. Vale a pena permitir a descoberta da língua francesa, das culturas francófonas com o que lhes está subjacente, em qualquer idade, em qualquer nível de ensino e em conjugação com várias áreas disciplinares.

{P}réparer tous les élèves à être des citoyens responsables, capables de contribuer au développement d’une société démocratique solidaire, pluraliste et ouverte

aux autres cultures.”⁵, contribuir para a construção de sociedades solidárias, linguisticamente e culturalmente pluralistas, eis o nosso desafio!

Algumas referências bibliográficas:

- AIMARD, P. (1975). *Les jeux de mots de l'enfant*, Villeurbanne, Simep-Editions.
- BRAMAUD DU BOUCHERON, G. (1981). *La mémoire sémantique de l'enfant*, PUF.
- BRAUN-LAMESCH M.-M. (1972). *La compréhension du langage par l'enfant*, PUF.
- Commission des communautés européennes (2003) «Communication de la commission au conseil, au parlement européen, au comité économique et social et au comité des régions » - « Promouvoir l'apprentissage des langues et la diversité linguistique: un plan d'action 2004-2006. », Bruxelles (24/07/03).
- FRANÇOIS, F., D. François, E. Sabeau-Jouannet, M. Sourdot (1977). *La syntaxe de l'enfant avant 5 ans*. Paris: Larousse
- MARCHAND, F. (éd.) (1975). *Manuel de linguistique appliquée. Tome 1: L'acquisition du langage*. Paris: Delagrave.
- MOREAU, M.-L. et Richelle, M. (1981). *L'acquisition du langage*. Bruxelles: Mardaga.
- Oléron, P. (1979). *L'enfant et l'acquisition du langage*. PUF
- RONDAL, Jean (1979). *Votre enfant apprend à parler*. Bruxelles: Mardaga.
- TAULELLE, Dominique (1984). *L'enfant à la rencontre du langage*. Bruxelles: Mardaga.
- TCHAKAROVA, Dorieta. *Comprendre l'oral*, in *Le Français dans le Monde*, n° 309, pp. 25-27.
- TRÉVILLE, M.C. (2000). *Vocabulaire et apprentissage d'une seconde langue*. Les Éditions Logiques (coll. Recherches et theories).

Alguns 'sites' Internet :

- Daniel Baril, avril 1999 CORRESPONDANCE: VOLUME 4, NUMÉRO 4, ÉCHOS DE RECHERCHE, Je l' ai sur le bout de la langue! Université de Montréal. <http://www.ccdmd.qc.ca/correspo/Corr4-4/baril.html> (Site visité le 19.01.2003)

⁵ Artigo 6 do decreto "Missions"

Sobre Guignol:

- www.guignol.fr
- leguignol.free.fr
- www.guignol-lyon.com

Sobre Lyon:

- www.lyon-france.com
- www.lyonweb.net

Sobre os «canuts» :

- revoltes.free.fr
- web.lyon.iufm.fr
- users.skynet.be/croquemitaine/ Adelante

Sobre as «traboules» e a «Croix Rousse» :

- www.chez.com/traboules
- www.lyon-les-pentes.com